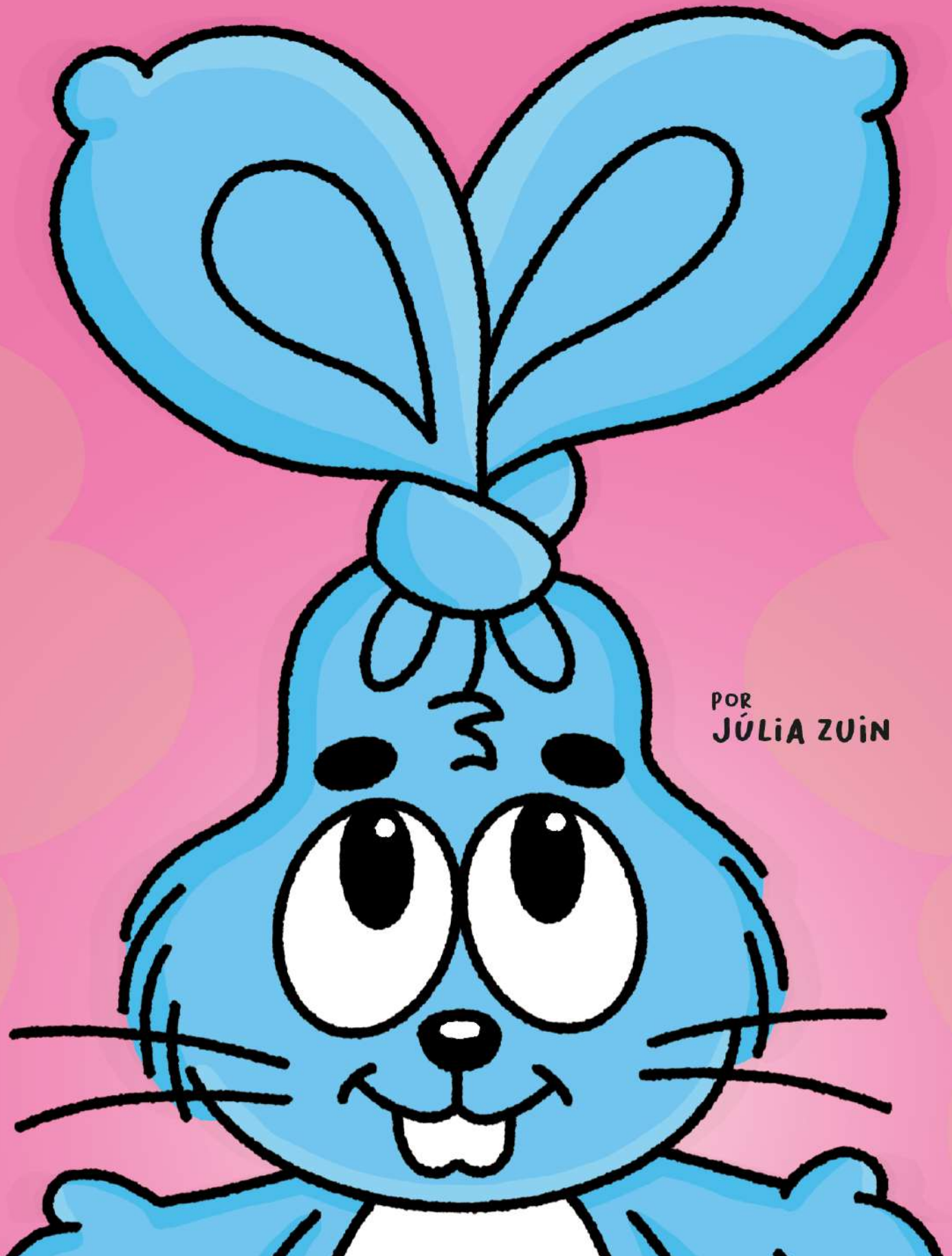


# DESATANDO NÓS

O IMPACTO DA TURMA DA MÔNICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA



POR  
JÚLIA ZUIN



PUC-SP

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES**

**DESATANDO NÓS: O IMPACTO DA TURMA DA MÔNICA NA  
EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**Júlia Gomes Zuin**

**São Paulo**

**2024**

**Júlia Gomes Zuin**

**DESATANDO NÓS: O IMPACTO DA TURMA DA MÔNICA NA  
EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

Projeto de monografia apresentado à banca examinadora como requisito para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Orientador: Professor Doutor Fábio Fernandes

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

## **AGRADECIMENTOS**

Quando se tem muito a agradecer, é difícil saber por onde começar. Considero merecido dedicar essa homenagem àqueles que acreditaram no meu potencial, não apenas sobre este estudo, mas em especial para essa graduação. Obrigada, também, por conversarem comigo sobre o tema do meu projeto por horas, meses e, agora, um ano - a essência de vocês faz parte dele tanto quanto a minha.

São estes a minha mãe, Vânia, que me inspirou e me emocionou todos os dias desde o início desta produção; também, meu pai, Antônio, que me introduziu carinhosamente aos quadrinhos e, com muita paciência, me auxiliou na elaboração deste conteúdo. Sou grata, meus amados, por me mostrarem que a leitura é um investimento.

Entre outros que compõem essa parcela de pessoas queridas estão, claro, meu companheiro Fernando; nossa história é uma das minhas favoritas. Também se encontram meus caros amigos que me dão o prazer de dividir suas vidas comigo. Uau, rimou! Acho que vocês vão gostar dessa parte. Obrigada, de coração, por tanto amor.

Agradeço, também, aos meus familiares - antigos e recentes - que me abraçam, sempre, com extremo cuidado. Sem vocês nada disso seria possível.

Por fim, mas longe de ser menos importante, agradeço ao meu professor e orientador Fábio Fernandes - não apenas pelos muitos direcionamentos nesta atividade - mas pelos diálogos profundos sobre a humanidade, extraterrestres, questões existenciais e, é claro, gibis.

"A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa"

- Paulo Freire

**RESUMO:** Este trabalho de conclusão de curso apresenta as consequências da atuação das revistas da Turma da Mônica, famoso conjunto de gibis brasileiros, no âmbito nacional; o objetivo deste TCC foi, sobretudo, entender o surgimento da obra no país e seu reflexo na sociedade em relação à influência destes produtos como incentivo para a leitura e o pensamento crítico de seus consumidores. Os estudos utilizados para dar embasamento a este projeto foram feitos com base em dados oficiais, pesquisas inéditas e entrevistas com cidadãos de diversas classes sociais, idades, condições monetárias e realidades - estes representam, para esta proposta, uma parcela da população. Este projeto visa abordar as limitações e desafios associados a essa influência; ele, para além desta monografia, será apresentado por meio de um livro reportagem em junção às entrevistas desenhadas em quadrinhos. Quanto às conclusões obtidas a partir deste estudo, está claro apreço dos consumidores da MSP, que foi posto em evidência em múltiplas ocasiões e, também, suas consequências; o efeito destas histórias em quadrinhos diante das condições dos brasileiros é fundamental; quase 100% dos entrevistados usufruíram deste material e, com isso, tiveram variadas reações - entre elas, o apego para a prática da leitura e, também, avaliações reflexivas em torno de seu conteúdo.

**Palavras-chave:** Turma da Mônica, Histórias em Quadrinhos, Gibis, Mauricio de Sousa, Leitura, Alfabetização, Educação, Pensamento crítico.

**ABSTRACT:** This graduation thesis presents the consequences of the impact of "Turma da Mônica" comics, a famous collection of Brazilian comic books, on national level. The main objective of this work was to understand the emergence of this material in Brazil and its reflection on society, particularly regarding its influence as an incentive for reading and critical thinking among its consumers. This project is based on official data, notable studies, and interviews with citizens from various social classes, ages, economic conditions, and background - representing a cross-section of the population for this study. Also, the assignment aims to address the limitations and challenges associated with all this influence. This monograph will be presented through a book along with interviews illustrated as comics. As for the conclusions derived from this study, it is evident that the appreciation of MSP consumers was highlighted on multiple occasions, along with its consequences. The impact of these comics on the lives of Brazilians is indispensable; nearly 100% of the interviewees engaged with this material, resulting in various reactions - among them, a growing interest in reading and reflective thoughts of its content.

**Keywords:** Turma da Mônica, Comic Books, Mauricio de Sousa, Reading, Literacy, Education, Critical Thinking.

## SUMÁRIO

1. Introdução .....	7
2. A origem da Turma da Mônica e da Mauricio de Sousa Produções .....	8
2.1. A arte como profissão e, portanto, mercadoria .....	9
2.2 Bem-vinda ao mundo, Mônica! .....	11
2.3 Mãe, não estou mais na Globo .....	14
3. HQs da Turma como incentivo à prática da leitura e da educação .....	15
3.1 Análise acerca das consequências dos gibis da Mauricio de Sousa Produções no meio social brasileiro .....	17
3.2 A Turma da Mônica e parcerias pedagógicas .....	23
3.3 O vínculo entre a Mauricio de Sousa Produções com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).....	25
3.4 Pré concepções diante destas histórias como ferramenta para a educação e aplicação literária .....	29
4. O impacto destas obras no pensamento crítico dos consumidores ....	31
4.1 A representação de grupos marginalizados na Turma da Mônica ...	34
4.2 O paradoxo das manifestações artísticas de Mauricio inserido na questão da cultura popular e da indústria cultural .....	35
4.3 Sobre a inserção de outras minorias e suas limitações nos produtos da Turma da Mônica .....	38
5. Conclusão .....	43
6. Referências .....	46

## 1. Introdução

Nunca fui fã da estação Barra Funda; ela reúne diversos pontos de ônibus, a CPTM, rodoviária e, ainda, linhas de metrô. Inclusive é nela que, diariamente, pego um fretado para ir até o estágio. De qualquer modo, eu vejo sua importância para a cidade de São Paulo e, conseqüentemente, para mim. Todos os dias enfrento o caos daquele lugar - e acabo fazendo parte dele. Foi em uma destas ocasiões, atrasada, que encontrei um senhor em situação de rua deitado no chão do espaço. Poderia ser mais um dia comum, já que circunstâncias como estas foram, infelizmente, normalizadas pela sociedade; este homem representa apenas uma parcela de todo um grupo neste cenário. Mas algo me chamou a atenção: concentrado, o moço devorava um gibi do Chico Bento.

Ali, em poucos segundos e rápidas sinapses, vi meu avô, Luís Carlos, fã assumido do caipira. A similaridade me chocou; fez com que humanizasse ainda mais este acontecimento. Me emocionei. Assim lembrei, também, do sentimento de ir até a banca e ler este gibi e todos os outros do seu universo: A Turma da Mônica. Privilegiada, todos os domingos, durante anos, fui presenteada pelos meus pais com a possibilidade de comprar quatro quadrinhos. Esperava a semana inteira por este momento e, normalmente, assim que os tinha em mãos, lia tão rápido que os terminava no mesmo dia. Algo que tenho certeza é que a turminha fez parte da minha formação; aliás, tanto da minha como a da torcida do Flamengo.

A Mauricio de Sousa Produções foi responsável pelo rompimento de inúmeras barreiras; entre elas, como no caso descrito anteriormente, a econômica e geracional. Neste exemplo há três pessoas: eu, meu avô, e aquele indivíduo - cujo nome não sei - vulnerável socialmente. Temos, em comum, interesse pela leitura destas histórias em quadrinhos. Quantas pessoas desfrutaram, e continuam desfrutando, deste universo? Qual a importância dele para a identidade do Brasil? Quais as conseqüências destas histórias em quadrinhos na alfabetização da população e seu raciocínio crítico? E quais serão as limitações para a divulgação desta ferramenta? Estudar todos estes pontos foi interessante; espero que sua leitura também seja.

## **2. A origem da Turma da Mônica e da Mauricio de Sousa Produções**

Falar sobre arte sem entender sua própria gênese é difícil - talvez seja por isso que os seres humanos praticam suas respectivas religiões e, conseqüentemente, devoção a deuses. Detalhes sobre o criador importam e, com isso, na esfera das histórias em quadrinhos - mais especificamente no Brasil, - Mauricio de Sousa representa um tipo de uma entidade. Nascido em 27 de outubro de 1935 e natural de Santa Isabel - hoje, em 2024, um município paulista com cerca 50.000 habitantes - a aptidão para a arte veio de berço, já que ambos os seus familiares trabalhavam com ela.

O seu sonho, segundo ele próprio, sempre foi ser desenhista. Mas, como no país não havia espaço para a profissão, este foi sucateado durante tempos. Em 1940, até mesmo o jornalismo era complicado de ser produzido; quanto mais a arte. Assim percebeu a condição de modo pessoal, já que seu pai, atuante da área, sofreu diversos tipos de repressão por ir contra o autoritarismo do Estado Novo, período governamental de 1937 a 1945.

Foi exatamente nesta época, quando tinha cinco anos, que o futuro cartunista conheceu os quadrinhos. De maneira inusitada, o seu primeiro contato com eles foi quando os recuperou em uma lata de lixo de um posto de gasolina perto da sua casa. O entulho revelou-se uma edição da revista "O Guri", de Assis Chateaubriand, publicada pelo "Diários Associados", antigo e poderoso veículo de comunicação que conglomerou várias das mídias brasileiras.

O Grupo Diários Associados é o mais antigo da área em todo o país; sua revista "O Cruzeiro", lançada em 1928, foi um marco para a imprensa pois indicou o processo de modernização em relação, principalmente, à apresentação gráfica. A crença em amor à primeira vista, por causa deste enredo, é indispensável: o garoto se apaixonou. Desde então, três vezes por semana, seu pai o presenteava com exemplares deste interesse.

Mauricio acompanhou a história além dos gibis - seu crescimento foi em conjunto à estruturação destes elementos no meio social. O "Tico-tico" foi uma das

primeiras revistas brasileiras a publicá-los regularmente desde 1905; sua popularização foi tanta que ela superou outras peças, como "Juquinha" e "O Guri". Ainda no século XX, em 1934, o "Suplemento Infantil", de Adolfo Aizen, chegou às bancas de jornal e, influenciado pelo sucesso, Roberto Marinho, em 1937, idealizou "O Globo Infantil". Finalmente consolidado, o mercado de HQs no Brasil segue até os dias atuais. Curiosamente, eles são associados à expressão "gibi", na língua portuguesa, devido a divulgação de mais uma criação do O Globo, cujo nome é o próprio "Gibi", lançado em 1939. Logo após este feito, foram abertas editoras especializadas nesta proposta, o que colaborou para que o setor se estabilizasse ainda mais.

Ademais , segundo Waldomiro Vergueiro, professor da Universidade de São Paulo, em "Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil", uma das primeiras evidências deste tipo de material no país foi em 1831, no "Jornal Carcundão". Sem assinatura, devido ao contexto político vigente, a charge de um híbrido entre um homem e um burro - uma possível crítica ao cenário - surpreende o leitor. Por causa da influência europeia e estadunidense, o desenvolvimento deste tipo de conto foi ocorrendo naturalmente; todavia, de maneira limitada. O humor, mesmo que ácido, é um item comum entre os exemplares; este é um dos motivos pelo qual as obras foram evitadas e até censuradas em alguns momentos durante a história nacional.

## **2.1 A arte como profissão e, portanto, mercadoria**

Para Mauricio, ganhar dinheiro em troca de desenhos não foi, inicialmente, uma tarefa complicada. Com 14 anos, ele os vendeu conforme encomendas de civis e, assim, conseguiu custear o aluguel de sua casa em Mogi das Cruzes. Anos avançaram e o ilustrador iniciou a sua colaboração com o jornal regional chamado "Diário de Mogi", na sessão de esportes. Ao atingir a maioridade, sua família se mudou para a capital do estado - a cidade de São Paulo. Em busca de melhores condições de vida e oportunidade de trabalho, Mauricio colocou seu talento em segundo plano.

A opção de se esquivar de seus sonhos não foi totalmente espontânea, pois ele considerou-se desestimulado em muitas ocasiões. Em uma delas, o cartunista,

por mostrar seus desenhos e, portanto, suas propostas, acabou ridicularizado pelo chefe de arte da "Folha da Manhã" – que hoje é a "Folha de São Paulo". Desta forma se contentou a se tornar copydesk do jornal - nesta época, em 1954 trabalhou, também, como repórter policial. Contudo, frustrou-se, já que tentou um emprego inserido no segmento artístico e foi informado por superiores que "desenhar não traria futuro a ninguém".

Após conquistar certa confiança, o artista pediu novamente uma chance aos seus superiores para produzir o que mais o agradava: ilustrações. Assim, as realizou em diversas reportagens e foi requisitado cada vez mais. Nesses episódios, ele não recebeu nem um centavo, até que enfim foi notado: o jornalista chamou a atenção de um colega, Lourenço Diaféria, que lhe propôs a participação em um negócio em conjunto - o homem trabalhava em uma revista e o convidou a participar dela com suas pinturas. Foi na "Folha da Tarde" que sua primeira tirinha foi publicada.

Em 18 de julho de 1959 nasceu o Bidu, um cachorrinho azul, personagem pioneiro da Turminha. Foi um sucesso; estes quadrinhos começaram a integrar a mercadoria diariamente - principalmente devido à sua popularidade entre o público infantil. O escritor conta que antes deste processo o veículo em que trabalhava não recebia muitas cartas; o cenário mudou após a publicação das animações de Mauricio. Textos começaram a surgir e, neles, elogios provenientes das crianças acerca de suas histórias divertidas.

A partir deste momento, o repórter se aposentou e, em seu lugar, um desenhista em tempo integral tomou posse de sua faceta profissional. Assim, ele saiu em busca de editoras, para assumir ainda mais o seu conteúdo e, depois de diversas recusas, foi abraçado por Jayme Cortez, da Editora Continental. Dessa forma, o pai da turminha conquistou presença em duas revistas mensais. Seus primeiros personagens, além do cão colorido, foram Franjinha, Titi, Manezinho, Jeremias e Xaveco.

Na segunda edição do "Bidu", publicado em abril de 1960, nasceu o Cebolinha, inspirado em um amigo da infância do artista. Depois, surgiu sua irmã, a

Maria, em homenagem a sua primogênita Mariangela. Diante de algumas reviravoltas trabalhistas, o comunicador, por meio de viagens e também o serviço dos correios, começou a vender artes para jornais de cidades próximas de Mogi das Cruzes, onde, com sua nova família, retornou a chamar de lar. O tráfico foi aumentando e chegou até um novo estado, o Rio de Janeiro; lá, na "Tribuna da Imprensa", veio Piteco, outro personagem desenvolvido por Mauricio, que rapidamente conquistou a admiração dos leitores.

## **2.2 Bem-vinda ao mundo, Mônica!**

Em 1963, outra transformação ocorreu; a Folha de São Paulo chamou o cartunista para se envolver em um projeto divulgado como especial: a "Folhinha". Antes mesmo de seu lançamento, formou-se Mônica; sua vinda inusitada se deu por uma crítica de um colega jornalista a Mauricio - ele questionou o motivo de só haver homens em seu conteúdo. Para refutá-lo, o ilustrador, baseado em sua filha, rabiscou uma menina dentuça, brava e baixinha; seu coelhinho, fiel escudeiro, a acompanhava - e continua acompanhando- em suas aventuras.

A famosa coelhada em Cebolinha foi dada logo em sua primeira aparição nas historinhas. Magali veio pouco depois, orientada pela caçula do autor. Reciclado de um esboço feito em 1961, surgiu Cascão, sugestionado por outra criança da infância de Mauricio - seu antigo colega já não gostava de tomar banhos desde aquela época. Cobiçado por outras marcas, ele desenvolveu novos personagens e, portanto, realidades. Apareceram Astronauta, Penadinho - um fantasma - e o novo Chico Bento. Mais tarde, Jotalhão.

Na estreia do suplemento infantil da "Folha de São Paulo", em 8 de setembro de 1963, como um reflexo de si próprio, veio ao mundo o Horácio. Além de ser uma extensão do Mauricio, com seus questionamentos e vivências pessoais, a figura é especial porque inaugurou as histórias coloridas. "É o único personagem que pode ser considerado meu alter ego, baseado mais em mim (e no que vai pela minha cabeça) do que nas experiências da minha infância", relata no capítulo 14 de sua autobiografia.

Anteriormente a este episódio, apenas as capas das revistas tinham cor; seu interior permanecia preto e branco. Conforme as atualizações, a empresa se desenvolvia positivamente. De volta à capital, em meados de 1964, o artista reuniu, na sala de sua casa, mais cinco trabalhadores para o auxiliarem no fornecimento de material aos veículos de comunicação que alimentava - "Bidulândia Serviços de Imprensa" foi o apelido carinhoso dado a essa empreitada.

Com espaço físico em um dos prédios da Folha de São Paulo cedido a Mauricio, o escritório do ilustrador cresceu e ganhou autonomia; a "Folhinha" foi um sucesso, e grande parte disso foi atribuída à aliança com o novo integrante do projeto. Durante o avanço do império "Mauricio de Sousa Produções", nome oficial da sua organização desde 1966, surgiu a ideia do "Jornalzinho da Mônica", que inquietou a mente do empresário. Ele, com ajuda de seu time, inaugurou a revista e, nela, deixou um espaço em branco para quem quisesse patrociná-lo. O modelo foi bem aceito pelo público e pelo mercado.

Outro fator que alavancou a carreira do artista e o conduziu à visibilidade foi o interesse da Duplex, uma marca de produtos, em realizar artigos licenciados baseados nos seus personagens; a turminha, além de ser capa de revista, virou estampa de cobertor. Bonecos de suas criações também foram comercializados. De acordo com Mauricio, em dois anos, foram vendidos em torno de 600 mil exemplares. Dessa forma, com novas proporções, a MSP se reestruturou e necessitou de gerência, secretaria, e outros cargos importantes para o desenvolvimento de uma grande instituição.

Foi em 1970 que a Editora Abril entrou em jogo. A mesma que publicava quadrinhos da Disney foi atrás de Mauricio e de seu criativo conteúdo. Por meio de um telefonema, ele foi informado que a empresa gostaria de publicar uma revistinha da Mônica e sua turma. Assim, ele aceitou prontamente. Em maio do mesmo ano, o gibi tomou conta das bancas de jornais e foi um fenômeno. Pela primeira vez, no Brasil, personagens nacionais eram tão desejados pela sociedade - naquela época, a Mônica vendia 20 vezes mais do que os quadrinhos dos super-heróis, importados.

Assim, a antiga Bidulândia trabalhava como nunca; a equipe produzia para a "Folhinha", para o "Jornalzinho da Mônica", para a Editora Abril, entre outras propostas. Um manual de padronização foi indispensável, para que seus funcionários, inclusive roteiristas, falassem o mesmo idioma. Então, em janeiro de 1973, Cebolinha tornou-se protagonista de sua própria HQ. Quase 10 anos depois, em 1982, Cascão e Chico Bento também foram presenteados com este destaque.

Nesta altura do campeonato, até o mercado internacional conhecia o nome e os feitos de Mauricio - em especial depois que ele conquistou o prêmio *Yellow Kid*, em 1971, uma renomada homenagem aos quadrinistas, inclusive, considerado por muitos anos como o Oscar referente a esta expressão artística. Em 1986, devido à falta de recursos desejados, Mauricio encerrou seu contrato com a Editora Abril e, paquerado pela Globo, mudou de casa. No dia 26 de janeiro do ano seguinte, 3,5 milhões de revistas da turma foram distribuídas pelo país.

Naquela época, o Brasil enfrentava um cenário econômico difícil por causa da inflação; José Sarney, o político que presidia a República, promoveu diversas mudanças no plano econômico do governo para combater essa dificuldade que, em 1987, foi acumulada em até 415,83% - hoje, em 2024, em 4,76%. Uma de suas propostas mais famosas foi o plano Bresser, desenvolvido pelo então Ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser Pereira - ele consistia no congelamento de preços e salários durante noventa dias. Dado o contexto, este período não foi confortável em termos monetários para a população brasileira. Mesmo assim, devido a popularidade e importância da turminha, o número de exemplares impressos de uma vez só nunca foi abaixo de 3 milhões.

A produção, guiada pelo pensamento logístico, iniciou o lançamento deste material conforme demandas; assim, sempre com novidades, as revistas eram introduzidas a um público fiel e cheio de expectativa. Em 1989, com o objetivo de ampliar ainda mais esta potência, foi lançado um novo título: Magali. De vez em quando, para lançar novidades no mercado, o artista introduzia gibis de figuras secundárias aos leitores; entre elas, a Tina, Penadinho, Piteco e várias outras.

Em 1987 Mauricio interrompeu seu contrato com a Folha de São Paulo e aceitou uma proposta do Estadão; nesta época o estúdio de Mauricio reunia em torno de 200 profissionais. Desde então, até os dias de hoje, lá publica suas tirinhas no jornal diário. Na época, mais uma grande inovação foi a abertura do Parque da Mônica, no dia 25 de janeiro de 1993, no Shopping Eldorado, e hoje sediado no Shopping SP Market. Desde 2015, este projeto teve como investimento 38 milhões de reais. Moderno, o criador dessas histórias desenvolveu também o site da Mônica em 1995, sendo que este site recebeu 17 prêmios. Incansável, em 1999, após assinar um contrato com a emissora Globo, a MPS elaborou também desenhos animados.

### **2.3 Mãe, não estou mais na Globo...**

Nem tudo são flores, pois o acordo com a maior televisão da América Latina foi prejudicial ao homem de negócios. Em sua versão, devido a promessas vazias, ele, depois de anos de espera, a parceria com o grupo foi desfeita. "Brigar com a Globo é um dos piores negócios do mundo", relatou em sua autobiografia. No final das contas, depois de Octávio Florisbal assumir a direção geral da rede, as pazes foram feitas. Mauricio assinou um novo contrato que, quando venceu, não foi estimulado a ser renovado por nenhuma das partes.

Em 2006 a produção mudou de casa novamente. A Panini, um grupo editorial de origem italiana, procurou o autor e, em sua proposta, ofereceu mais participação nas vendas, entre outras condições favoráveis ao artista. A partir do primeiro mês de 2007 as revistinhas foram publicadas em território nacional novamente, agora incluindo o nome da nova editora - e assim segue até a publicação deste trabalho. A Panini não trabalha exclusivamente para a Mauricio de Sousa Produções, uma vez que ela publica também outros títulos famosos, tais como os da DC Comics e da Marvel.

### 3. HQs da Turma como incentivo à prática da leitura e da educação

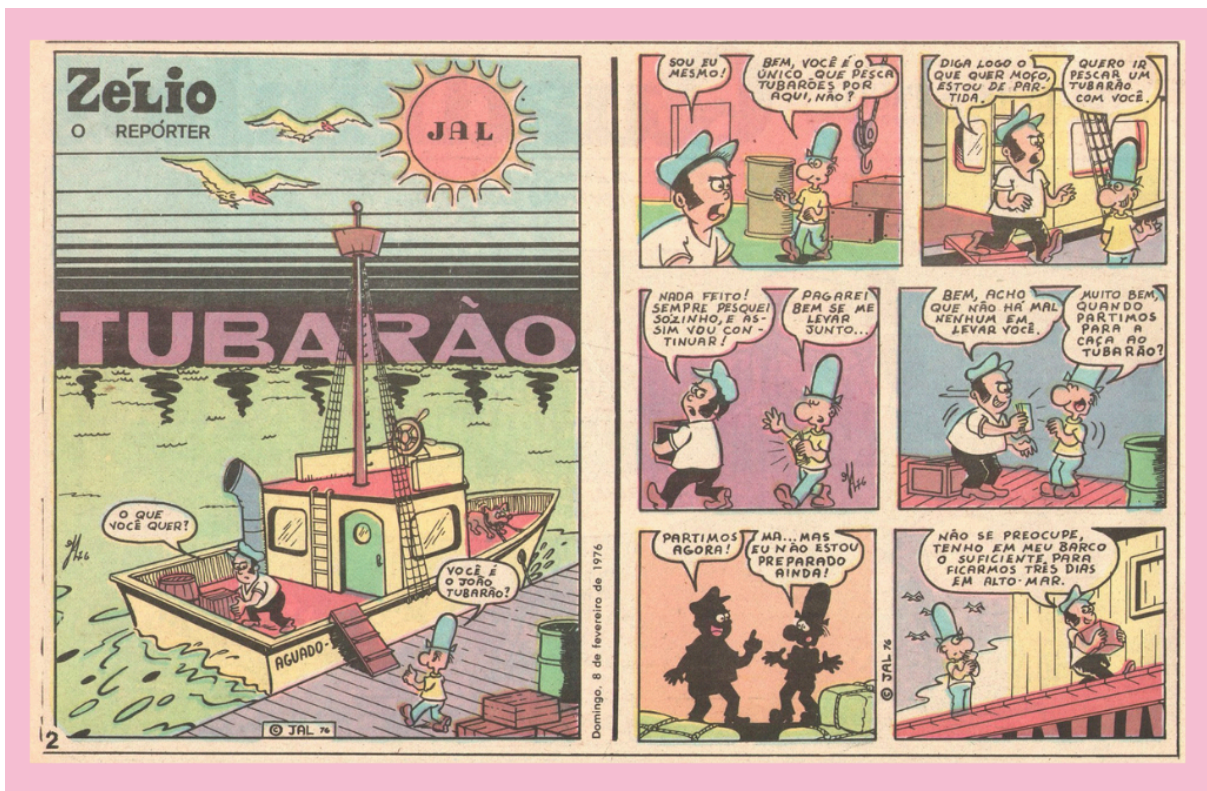
Para este estudo, entrevistei várias - e diferentes - pessoas. Entre elas, especialistas, artistas e porta-vozes; a primeira pergunta que fiz para eles foi em relação a seu aprendizado quanto à prática da leitura; todos, sem exceção, me responderam que os gibis foram fatores primordiais como incentivo à atividade. José Alberto Lovetro, mais conhecido como Jal, é o atual presidente da Associação dos Cartunistas do Brasil, ACB, e antigo assessor de imprensa de Mauricio de Sousa. Além disso, foi a primeira pessoa a quem direcionei essa questão.

"Eu aprendi normalmente na escola; mas, com certeza de acordo com minha memória, as histórias em quadrinhos foram as primeiras leituras que fiz", respondeu. Naquela época, o jornalista morava na Casa Verde, um bairro na Zona Norte da cidade de São Paulo. Ele contou que, na região, havia uma feira e, nela, uma senhora, comerciante, vendia gibis velhos e usados. Com entusiasmo, ele relatou que era o primeiro a chegar no espaço - isso para que pudesse escolher suas obras favoritas entre todo aquele material.

Seu apreço pelos quadrinhos não parou por aí; na realidade, cresceu junto com ele. José, inclusive, entrou na faculdade de jornalismo com o intuito de se tornar um chargista. Naquele momento, ele acreditava que, para ser um artista voltado a este escopo, o desenhista teria de passar por essa graduação. O pensamento permanece presente até hoje; em suas palavras: "Existem muitos chargistas que não possuem essa formação. Eu acho importantíssima porque, com o estudo do jornalismo, você tem uma visão macro e micro da mídia. Assim, você tem uma captação maior para poder desenvolver algum assunto com responsabilidade".

Este ano é marcado pelos 49 que antecederam a primeira publicação de Jal, na Folha de São Paulo. Há meio século, o presidente da ACB compartilhou com o público do jornal seu personagem "Zélio, o repórter". Fiel ao nome, o protagonista era um jornalista que produzia matérias inverídicas. Seu nome, de acordo com Jal, foi dado porque ele o considerava exótico; coincidentemente, mais tarde, o

cartunista veio a descobrir que este é o nome do irmão do Ziraldo, o criador do Menino Maluquinho. Há anos eles são amigos.

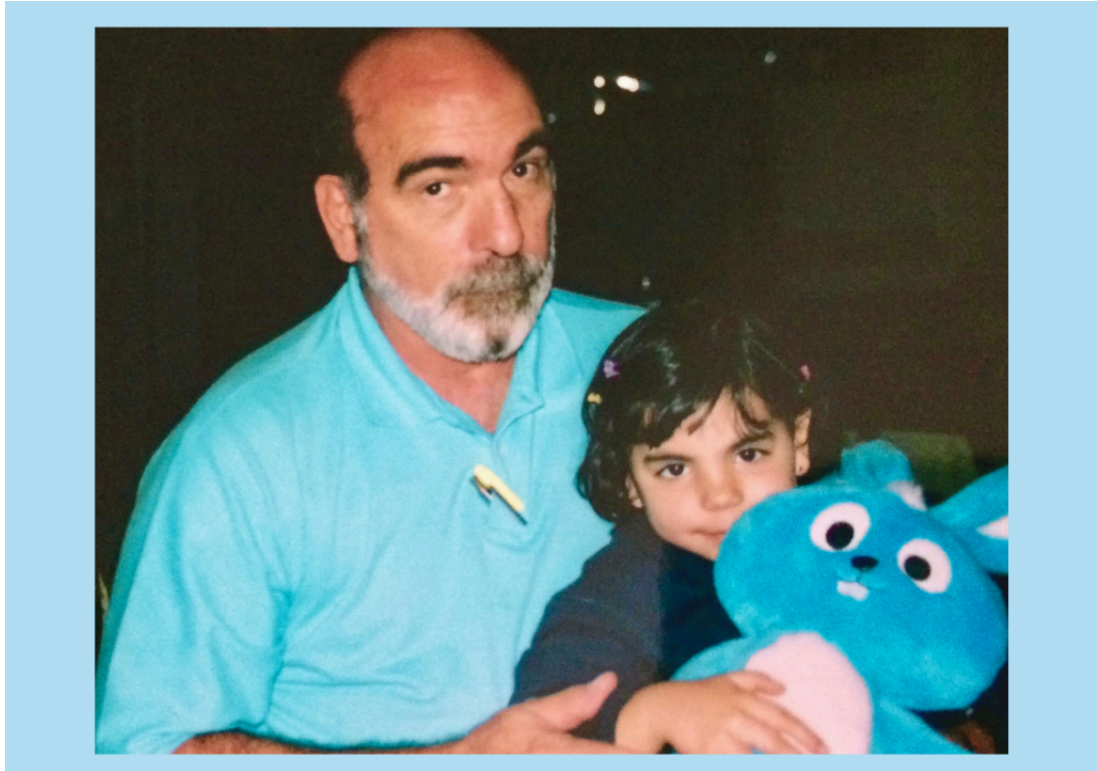


CRÉDITOS: ARQUIVO PESSOAL

Retornando à história, é interessante observar que o criador da turma da Mônica foi alfabetizado com a ajuda dos gibis, tal como relatou no livro "Maurício: A história que não está no gibi". A ferramenta fez com que seu apreço pela leitura fosse estimulado e que o seu domínio, quanto a língua portuguesa, em comparação com outros meninos de sua idade, se tornasse impressionante. Assim como ele, muitos outros brasileiros foram inspirados pelas histórias em quadrinhos para o gosto à leitura; a diferença é que o criador da Turma foi responsável em colaborar diretamente com este fenômeno por meio de suas publicações.

Foram muitas as vezes que comentei com alguém o tema do meu trabalho e ouvi em troca: "os gibis da Turma da Mônica me ajudaram ao extremo no processo de alfabetização". Honrada, mesmo sem ter responsabilidade alguma sobre isso, respondo: eu também. Acho que me emociono, também porque por meio deles recordo boas memórias. Pessoalmente, acredito que este material é multifuncional;

além de poder colaborar com o desenvolvimento da leitura e do conteúdo do cliente, possibilita-o a reconhecer sentimentos e a compreendê-los. É perceptível que sou fã dessas histórias em quadrinhos?

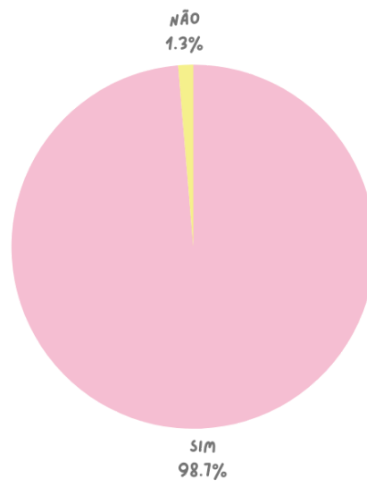


Eu e o vovô Luís (e o Sansão)

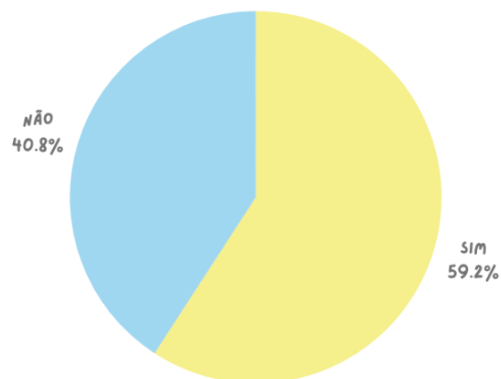
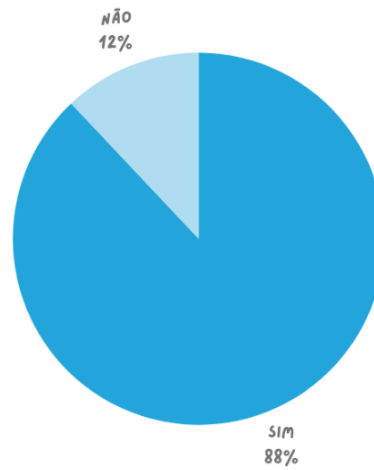
### **3.1 Análise acerca das consequências dos gibis da Mauricio de Sousa Produções no meio social brasileiro**

Além de conversar com referências na área, para dar embasamento à minha pesquisa, desenvolvi um relatório com a participação de 600 pessoas, todas brasileiras. Foram indivíduos em torno de 10 a 70 anos, sendo, em sua maioria, de 17 a 28 anos - o que equivale a 65,9% dos entrevistados. Ao serem questionados sobre como aprenderam a ler, disseram que, além das tarefas didáticas, os gibis foram fortes aliados como incentivo e estímulo à leitura. Entre os entrevistados, 98,7% tiveram acesso aos HQs da Turma da Mônica e, além disso, 87,7% do grupo afirmam que estes colaboram diretamente com o seu processo pessoal de alfabetização.

**VOCÊ JÁ LEU ALGUM GIBI DA  
"TURMA DA MÔNICA"?**



**VOCÊ ACREDITA QUE  
AS HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS DA  
"TURMA DA MÔNICA"  
TENHAM COLABORADO  
COM A SUA  
ALFABETIZAÇÃO?**



**VOCÊ ACREDITA QUE AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS  
DA "TURMA DA MÔNICA" TENHAM INCENTIVADO O  
SEU PENSAMENTO CRÍTICO?**

"Eu amava a Turma da Mônica. Meus primeiros desafios em leitura foram tentando entender o que a turminha estava fazendo. E as histórias do Maurício de Sousa incentivaram meu pensamento crítico pois eu sempre tentava entender qual era a piada ou sátira que ele estava tentando passar. Nem sempre era fácil, afinal eu era só uma criança!"

"Compreender a diversidade de pessoas na nossa sociedade e perceber que o mundo vai além da nossa bolha"

"As aventuras da Mônica e suas interações com a turma sempre me fizeram refletir sobre amizade, persistência e também as consequências das ações"

"Os quadrinhos traziam histórias que inseriam alguns temas da sociedade de forma engraçada e educativa"

"Os quadrinhos da Turma da Mônica são brasileiros, trazendo à tona inúmeras questões sociais brasileiras"

## **SE SIM, COMO?**

"As lições de vidas apresentadas pelos personagens e as diferentes percepções sobre a vida ajuda a construir um pensamento crítico"

"Os gibis sempre proporcionaram alguma reflexão sobre assuntos polêmicos como aquecimento global e inclusão social"

"Lembro que várias histórias da Turma da Mônica abordavam assuntos importantes como a diferença de classe, ou a moradia urbana x rural com o chico bento"

"De diversas formas, a turma da Mônica traz os desafios da infância, bullying, inclusão, fazendo ter uma noção do que o mundo é. Isso me fez acreditar de que existem possibilidades para todos"

"As histórias são, além de divertidas, uma introdução a maneiras diferentes de viver e a realidades diversas, mesmo não sendo o meio mais atualizado, levando em consideração várias coisas (como a maneira com a qual são retratados os povos indígenas do Brasil, por exemplo)"

Frente às respostas adquiridas a partir desta análise, é perceptível que a atuação destes materiais em relação aos seus leitores está longe de ser caracterizada como indiferente. Um projeto realizado em 2007 por Jal e Sonia Bibe Luyten - desta vez oficial, com apoio da prefeitura de São Paulo - também confirmou como as histórias em quadrinhos, entre elas, da Turma da Mônica, podem auxiliar no aprendizado do meio social; e não apenas quanto à questão da alfabetização. A proposta foi realizada em duas instituições de ensino públicas, sendo elas a Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Professor Derville Allegretti e a Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Vereador Antonio Sampaio; ambas localizadas no bairro de Santana, na zona norte da maior cidade da América Latina.

Sonia comentou o projeto; disse que essa experiência serviu para dar embasamento ao que ambos os pesquisadores defendem: a aplicação das histórias em quadrinhos em sala de aula como instrumento de ensino dos educadores para os alunos. "O que notamos de imediato, em reunião preliminar com os professores, é que eles não tinham noção da linguagem dos quadrinhos. Portanto, a primeira coisa que fizemos foi dar aula aos professores. Além disso, notificar que HQs em sala de aula não são passatempo. É preciso um planejamento - seja mensal ou semestral - e usar os quadrinhos como reforço de aprendizagem", observou ao falar sobre o feito da dupla, que foi um sucesso.

De acordo com José, os resultados foram surpreendentes. No total, a produtividade, associada ao aprendizado dos estudantes que participaram do trabalho aumentou, em média, 30%; alguns casos extremos, como consequência destas ações, responderam em até 100%. Segundo Jal, o público concedido pela secretaria da educação a este experimento era o mais diverso possível; havia alunos de idades diferentes e características, para os pesquisadores, inusitadas - entre eles, por exemplo, crianças surdas.



À esquerda, Mauricio de Souza comenta a iniciativa. Ao lado, o superintendente Antonio Mascarenhas; a gerente de Marketing Elaine Leonel; a representante da Coordenadoria de Educação, Agar Penachio; o cartunista Mauricio de Souza; os idealizadores do projeto José Alberto Lovetro e Sonia Luyten; e a assistente de Marketing Rubia Ferreira

## Quadrinhos na Escola recebe Mauricio de Souza

De 10 a 21 de outubro, o Shopping D realizou a exposição *Quadrinhos na Escola*, resultado do projeto homônimo patrocinado pelo empreendimento desde maio deste ano. A mostra foi prestigiada pelo reconhecido cartunista Mauricio de Souza, que visitou o shopping em 17 de outubro e elogiou a iniciativa. “É um prazer e uma honra conhecer esta idéia que proporciona a descoberta de novos talentos e revela a força dos quadrinhos na comunicação”, disse o cartunista. Mauricio também deu autógrafos e fez seus desenhos mais populares da Turma da Mônica para divertir a garotada.

*Quadrinhos na Escola* propõe a produção de HQs em sala de aula, aliada a diferentes disciplinas. O método foi aplicado em fase piloto para 400 alunos das escolas municipais Dervilli Alegretti e Vereador Antônio Sampaio, Zona Norte. De acordo com a representante da Coordenadoria da Educação Jaçanã/Tremembé, Agar Penachio, “a partir deste piloto, a idéia pode se expandir e ser enquadrada num projeto maior que é o Ler e Escrever da Secretaria de Educação.” Os vinte melhores quadrinhos produzidos pelos alunos fizeram parte da exposição, junto com painéis explicativos.

O projeto foi idealizado pelo cartunista José Alberto Lovetro, o Jal, e pela pesquisadora especialista em desenhos Sonia Luyten. “Provamos que os quadrinhos são uma ferramenta eficiente para educação e cultura”, afirmou Jal. “Em 2008, as ações devem ser desenvolvidas com foco em uma disciplina. Outro desafio será a publicação do livro com a síntese do projeto”, contou Sonia.



Idealizadores do projeto, alunos participantes, Marketing do Shopping D e o cartunista Mauricio de Souza: juntos comemoram o sucesso da mostra *Quadrinhos na Escola*



Aline Yoshie (15), aluna da escola Dervilli Alegretti, ao lado da história em quadrinhos de sua autoria, que foi selecionada para integrar a exposição

# JAL



### 3.2 A Turma da Mônica e parcerias pedagógicas

Em outubro de 2022, o criador da Turma da Mônica recebeu, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, Unesco, uma homenagem por ser um dos autores responsáveis por grande parte da alfabetização e estímulo à leitura de crianças no Brasil. O prêmio cátedra - este ano em sua oitava edição - visa apreciar os feitos e consequências dos trabalhos de grandes criadores de conteúdo, como, neste caso, os do próprio Mauricio. Em entrevista à ONU News, em novembro do ano passado, ele afirmou o seguinte: "Fui homenageado pela Unesco pelo reconhecimento de que nossas revistas alfabetizaram e estimularam milhões de crianças nesses mais de 60 anos de publicações".

Muito antes desta validação, o empresário, em 2007, enquanto visitava a feira de Bolonha, foi notado por outros participantes - estes, orientais; "Estava no meu estande quando, de repente, entraram três homens de traços asiáticos cantando o tema da Mônica: "Sou a Mônica, sou a Mônica, dentucinha e sabichona..." Um espanto", conta em seu livro. Neste momento, Mauricio percebeu que suas obras haviam chegado no oriente - mas não só isso; elas foram também lidas por indivíduos de origem chinesa e, entre eles, alguns da autoridade chinesa. Foi no mesmo evento, na Itália, que Anthony Cheung, sócio da Chine Online Education, COE, uma instituição de ensino que, junto ao governo de Xangai, demonstrou interesse pela implementação de um projeto educacional nacional em parceria com a MSP - isso, inclusive, anterior ao governo brasileiro.

Dez meses depois, histórias em quadrinhos foram distribuídas para crianças em todo o perímetro do país; os enredos, em português, acabaram sendo traduzidos para mandarim. Os capítulos traziam acontecimentos históricos - como o "descobrimento" do país - e outros conteúdos de índole brasileira. Como exposto anteriormente, quanto à regência do Brasil, o desejo em torno dessa produção artística como ferramenta para a educação não foi nada urgente. Mauricio, também em sua autobiografia, expôs o seu descontentamento sobre a situação: "Incrível: era mais fácil fazer projeto educacional na China do que no meu país! Na mesma época, eu tinha ouvido do próprio presidente da República que o governo brasileiro

estava interessado em usar meus personagens como apoio ao ensino"... "Anos se passaram sem que nada acontecesse".

O Ministério da Educação, ao ser questionado sobre o uso destes quadrinhos hoje, em escolas públicas, explicou, em nota, que os gibis da Mônica não são materiais que passaram pela avaliação pedagógica do Programa Nacional do Livro Didático, PNLD. Ainda de acordo com o órgão público: "Vários tipos de Materiais (inclusive gibis) podem chegar às escolas para serem utilizados pelos alunos das mais diversas formas e não passam pelo 'crivo' do MEC. Materiais complementares e/ou suplementares fazem parte da autonomia das redes/escolas".

Entretanto, mesmo sem incentivar oficialmente o estímulo destes instrumentos em sala de aula, o Governo Federal já realizou diversos programas em conjunto com o pai da Mônica, Magali, e de tantos outros personagens. Um deles, neste ano, foi um trabalho conjunto entre a Secretaria Nacional de Justiça, o Ministério da Justiça e Segurança Pública e o Instituto Mauricio de Sousa, IMS. Nesta ocasião, foram produzidos e implementados gibis personalizados com a temática de tráfico de pessoas e a questão da imigração. Este material, gratuito, pode ser acessado no *website* do ministério.

Uma dessas histórias, por exemplo, expõe, ainda que seja de maneira lúdica, a periculosidade que pode atingir aquele que navega pela internet; a trama explora um dos sonhos de Cebolinha - ou melhor, Cebola, já que se passa no universo da Turma da Mônica Jovem - que é participar de um time que compõe jogadores profissionais de torneios online. Entretanto, na realidade, é uma armadilha para atrair jovens com a finalidade de traficá-los. No final da história ele é salvo pelo seu grupo de amigos e conscientizado sobre a gravidade da situação pelos seus pais. Cebola assente e compreende o ensinamento - assim como é esperado em relação às pessoas que leram essa narrativa.

### **3.3 O vínculo entre a Mauricio de Sousa Produções com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef)**

Outro relacionamento importante para a MSP é com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). No final do ano de 2007, a protagonista das historinhas, Mônica, foi nomeada embaixadora deste organismo da ONU. Ademais, pioneira na conquista da colocação - antes de ser direcionada ao cargo, nenhum outro personagem o havia ocupado, apenas indivíduos reais. Seu fundador, ao comentar sobre a dinâmica em seu livro, expôs: "Com a chancela da mais importante organização internacional em defesa das crianças, a Mônica recebia a missão de, na verdade, continuar fazendo o que sempre fez: ajudar a garantir os direitos infantis a educação, saúde, proteção e cuidados".

Camilo Ponce de Leon, especialista de comunicação digital do Unicef, em depoimento para esta produção, disse que a missão essencial do órgão em que trabalha é garantir os direitos das crianças e adolescentes. Presente em mais de 190 países, a agência completará, no ano que vem, 75 anos em território verde e amarelo. A instituição atua em diversas áreas educacionais, entre elas, a da saúde. O profissional relatou que uma das principais iniciativas que a parceria elaborou é a da Campanha de Vacinação. De acordo com ele, o interesse por coberturas vacinais vem caindo consideravelmente - especialmente logo após a pandemia da COVID-19. Nesta questão, as figuras da turminha têm sido importantes, já que conseguem estimular e atrair a atenção do público para a importância de ser vacinado.

Para que o conteúdo seja distribuído, há um grande processo de validação; no caso desta ação, o material passou pela aprovação da Sociedade Brasileira de Imunização, Sociedade Brasileira de Pediatria e, inclusive, o Unicef. Com a Mônica, o alcance das informações é alto. Camilo relata que essas produções são aceitas por diferentes faixas etárias e, além disso, exemplificou como funciona este processo utilizando a sua vivência como exemplo efetivo: "Eu tenho 47 anos e cresci lendo a Mônica, como os meus filhos. Eles também leem a Turma hoje em dia".

# CAMILO LEON

A TURMA DA MÔNICA É ATEMPORAL. ELA FALA COM MUITAS COM MUITAS GERAÇÕES

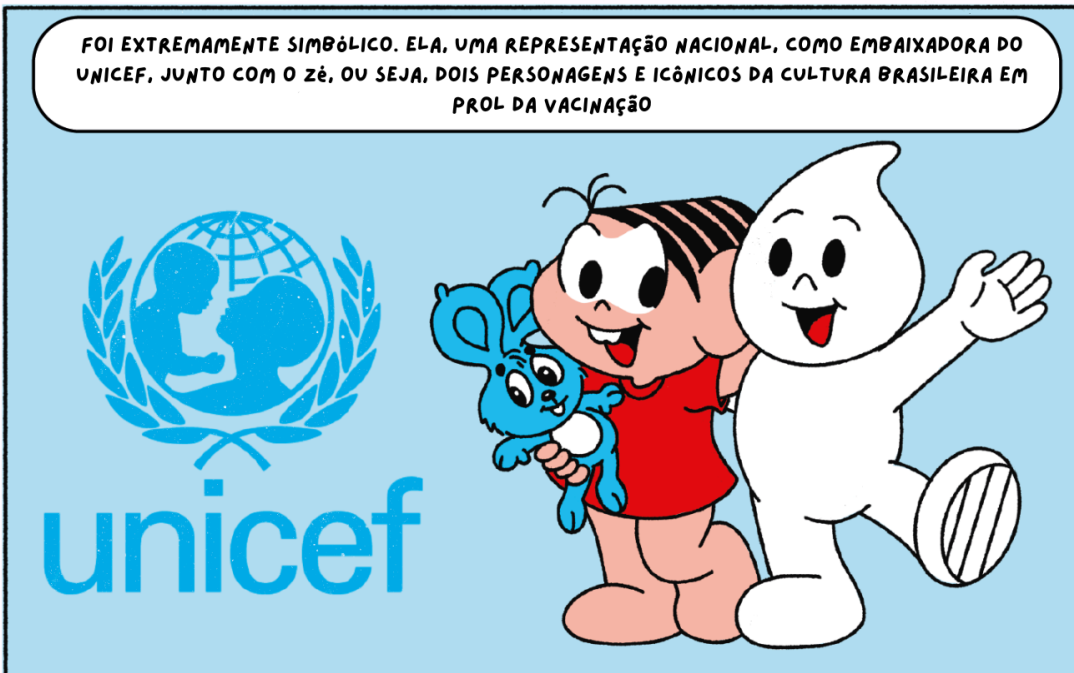


ANO PASSADO A GENTE FEZ UM LANÇAMENTO DE UM ESTUDO SOBRE ESTE TEMA. O NOME É THE STATE OF THE WORLD'S CHILDREN 2023

QUANDO O LANÇAMOS, FIZEMOS UMA COLETIVA DE IMPRENSA; NESTE EPISÓDIO, CONTAMOS COM A PRESENÇA DO PERSONAGEM ZÊ GOTINHA E, TAMBÉM, LEVAMOS A MÔNICA



FOI EXTREMAMENTE SIMBÓLICO. ELA, UMA REPRESENTAÇÃO NACIONAL, COMO EMBAIXADORA DO UNICEF, JUNTO COM O ZÊ, OU SEJA, DOIS PERSONAGENS E ICÔNICOS DA CULTURA BRASILEIRA EM PROL DA VACINAÇÃO



Outro ponto interessante levantado por ele foi o uso da imagem do Cascão, uma figura emblemática na turminha, já que é conhecido por ter medo de água, lavando as mãos, como uma propaganda de combate à pandemia. A imagem foi impactante no meio social; grandes veículos de comunicação produziram reportagens com base no ocorrido, como a do UOL em: "Contra pandemia, até Cascão lava as mãos; mas não pela 1ª vez, confira" e do Fantástico: "Até ele?! Cascão entra na campanha contra o coronavírus e lava as mãos".

O porta-voz do Unicef explicou que alguns resultados de abrangência são medidos e evidenciados pelo engajamento nas redes sociais da corporação. Segundo ele, os posts que contêm a identidade da Turma são aqueles com a maior participação do público geral, por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos. O recorde de alcance, no que se refere às páginas da empresa, foi em uma publicação que continha uma foto do Mauricio sobre a necessidade de se vacinar. "A gente atingiu mais de 45 milhões de pessoas só com a imagem dele", colocou.



CRÉDITOS: UNICEF/ ERICO HILLER

Quanto à questão da alfabetização e a colaboração da Turma da Mônica, Camilo, para evidenciar o funcionamento da relação, não poupou energia. Atônito, contou uma história que, para ele, é pitoresca, sobre a antiga presidente do Unicef no Brasil, Florence Bauer. Ela é de origem francesa e, antes de integrar a equipe do Fundo das Nações Unidas para a Infância, trabalhou em uma Organização não Governamental, ONG. A ex-representante, naquela época, não falava a língua portuguesa. De acordo com ela, um dos motivos para que conseguisse aprender o idioma de maneira orgânica foi, primordialmente, devido ao auxílio dos gibis da MSP.

Você se lembra do Waldomiro Vergueiro? Para sustentar o meu projeto, também falei com ele. O bibliotecário e coordenador do Observatório de História em Quadrinhos da USP adorava as *comics* antes mesmo de conseguir lê-las; sua predileção por elas começou 60 anos atrás. Em declaração para este texto, o membro dessa entidade disse que é cientificamente comprovado que as HQs são as primeiras formas de iniciação à leitura. Isso se dá porque, de acordo com ele, o esforço para compreender a ligação entre imagem e palavras incentiva, diretamente, o exercício de interpretação textual.

"Depois deste processo, muitos continuam a acompanhar quadrinhos; outros os abandonam e vão ler outras coisas - e tudo bem. Mas seria interessante que todos tivessem noção da importância destas obras em conectividade a cada aprendizado pessoal", disse Waldomiro. O educador reiterou que àqueles que permanecem interessados por essa arte também há de serem considerados nobres leitores - existem, por exemplo, novelas que expõem realizações extremamente complexas e desafiadoras. Entretanto, em múltiplos casos, os HQs não são vistos como uma forma legítima de expressão literária.

### **3.4 Pré concepções diante destas histórias como ferramenta para a educação e aplicação literária**

Como adiantado no texto anterior, não são todos os profissionais de comunicação que veem os quadrinhos como material educacional e, muito menos, erudito; um exemplo desta posição é do jornalista James Akel que, em 2023, enquanto concorria - em disputa direta com Maurício - à cadeira 8 da Academia Brasileira de Letras, ABL, disse, em entrevista para a revista *Veja*, publicada no dia 19 de abril de 2023, edição nº 2837, que "Gibi não é literatura". Akel constatou que este formato de história se resume apenas ao entretenimento. Relatou, também, que se sente impactado, em um sentido negativo, quando se depara com afirmações que expõem o fato de múltiplos brasileiros terem sido alfabetizados com o auxílio dos enredos da MPS. Em suas próprias palavras: "Defender isso é uma incongruência".

Por não serem merecidamente reconhecidas, há bastante preconceito em relação à compreensão das histórias em quadrinhos. Este ideal dificulta a condução das *graphic novels* no meio social e, portanto, a pesquisa sobre elas. Não é à toa que o antigo "Núcleo de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos", hoje o Observatório de História em Quadrinhos da USP, OHQ, é o único, em toda universidade, que possui relação com estes estudos. Quem dele participa, normalmente se vê diante de reações ingratas da sociedade. Quando o questioneei sobre incentivo monetário para a realização deste centro de estudos, Waldomiro não conseguiu conter a risada. "Muito pouco; a gente teve que lutar muito pelos recursos. Pedimos bolsas, entramos com projetos...alguns a gente ganhou, outros perdeu, né? Diga se de passagem, a maioria a gente perdeu", explicou.

Entretanto, toda moeda tem duas faces. Segundo Vergueiro, o número de pessoas que se dedicam à análise de quadrinhos, no Brasil, foi aumentando durante os últimos 40 anos. Existem pesquisadores da área explanados pelo país inteiro: "Temos vários grupos de pesquisa; identificamos em torno de 50 deles... nem imaginava que havia tantos assim", disse, surpreso. Waldomiro defende as HQs com unhas e dentes. Ele contou que não há nenhuma outra manifestação artística

ou de comunicação capaz de despertar tantos estímulos e trabalhar múltiplos sentidos do que a dos quadrinhos.

Para que o leitor consiga decodificar uma história há toda uma interação especial; em suas palavras: "Parte da mensagem é passada por meio do texto. Uma adicional, pela imagem. E, ainda, existe uma terceira ferramenta - o espaço entre um quadrinho e outro, em diferentes palavras a "sarjeta", que estimula a interpretação. Esse modo narrativo é único". O professor entende que este trabalho é de leitura e, também, de complementação narrativa; o exercício cerebral da leitura, neste processo, se diferencia de todos os outros.

Aos céticos, este recurso pode ser explicado, inclusive, cientificamente. No cérebro humano há dois hemisférios: o esquerdo e o direito, conectados por uma estrutura chamada corpo caloso, que contém mais de 200 milhões de fibras nervosas. Ambos os locais são capazes de processar informações, mas em perspectivas diferentes. O lado esquerdo sinaliza as referências de modo racional e lógico, em comparação com a outra extremidade; já a lateral direita promove conclusões de maneira criativa e eletrizante, de acordo com Donna Coch, professora, no Departamento de Educação na Dartmouth College, nos Estados Unidos. Por fazer agir em duas vertentes, as histórias em quadrinhos, conforme Waldomiro, são únicas e especiais.

Um colega de profissão disse ao docente da USP, no início de sua carreira, que, por ser protetor dos gibis, era inimigo direto da educação no Brasil. Vergueiro contou a passagem rindo; "os quadrinhos podem ser utilizados em todas as áreas de ensino, basta saber aplicar. Conheço alguns casos, por exemplo, em matemática, tradução e até já participei de uma banca de física que envolvia essas histórias", complementou. Tantos anos depois, ele não se lembra do nome do autor de sua sentença, mas afirma que ela caiu por terra, assim como essa linha de pensamento. Fazendo jus ao título de pesquisador, Waldomiro, neste ano, está estudando o quanto cresceu, em território nacional, a relação dos quadrinhos com as salas de aula. Ele percebeu que o número de aplicações aumentou significativamente em todas as áreas do conhecimento.

De volta à Turma da Mônica: o graduado em biblioteconomia interpreta que o papel principal dela, hoje - em especial ao público infantil - é captar o interesse da criança para a leitura. Não apenas os 87,7%, de 600 indivíduos que entrevistei, foram incentivados pelo trabalho de Mauricio de Sousa. Segundo Waldomiro, é comprovado que dezenas de pessoas se desenvolvem neste quesito devido às aventuras da turma da rua do Limoeiro e outros universos que marcaram gerações. Um dos muitos diferenciais desta obra em relação a outras, mesmo nacionais, é, de acordo com o educador, a identidade brasileira e cotidiana: "O Mauricio sempre se preocupou em refletir as boas morais e os valores pátrios".

#### **4. O impacto destas obras no pensamento crítico dos consumidores**

Em 1963, Mauricio não queria lançar o Cascão às bancas com medo de que ele influenciasse outras crianças a ter maus hábitos de higiene. Marilene de Sousa, hoje sua ex-esposa, refutou a ideia ao dizer que "todo mundo foi ou é um pouco Cascão na vida". O desenhista o integrou às histórias e entendeu que este ato era um incentivo à diversidade e às diferenças; entretanto, de acordo com o próprio "naquele tempo ninguém prestava atenção nisso". Nos dias atuais, a relação da disparidade com o meio social ainda é emblemática - e não se limita, apenas, a um personagem encardido.

A data de 1963, para o diretor da MSP, é marcada como "o ano da reviravolta" - e foi neste tempo que Mônica foi desenvolvida, como dito no início deste trabalho, a partir de uma gozação vinda de outro jornalista. Mauricio percebeu que não haviam mulheres em suas histórias; assim, criou a dentucinha mais famosa do país. Após o feito, vieram e outras presenças femininas nas tirinhas, como a Magali. Mônica foi idealizada diante de um questionamento, mesmo que proveniente de uma piada. Com efeito, as discussões sobre minorias incitam mudança e, nessa ocasião, não foi diferente.

Outros grupos marginalizados não foram excluídos dos projetos de Mauricio: os indígenas são o caso desta representação. Papa-Capim, um personagem de etnia fictícia, por exemplo, é protagonista de seu próprio núcleo. Em suas histórias, exercita a cultura idealizada pelo autor de seu povo. De tanga, pelo escura, cabelo

preto em corte tigela e constantemente armado com um arco e flecha, o “curumim” vive em uma aldeia e é visto como protetor da natureza; alguns dos enredos que contam com a sua presença abordam, também, questões ambientais, como a poluição e o aquecimento global, temas imprescindíveis para a conscientização social.

Mauricio de Sousa e sua relação com a causa ambiental não se resume apenas aos enredos do Papa-Capim - vai bastante além. Há exatamente uma década, a MSP e a World Wide Fund for Nature, WWF, uma organização não governamental internacional que trabalha para a preservação da natureza, fecharam uma parceria que, de maneira lúdica, promove entendimento diante de questões sustentáveis. No ano de 2014, Chico Bento tornou-se o embaixador da proteção das nascentes do Pantanal. Desde 2020, ele é o embaixador oficial do escritório no Brasil.

De acordo com a WWF, a união destes agentes teve, como consequência, resultados consideráveis. Foram produzidas revistas, livros e outros materiais que exibiam a importância da preservação da natureza e o impacto dos homens no planeta terra, além de dicas de como minimizar a pegada humana - a consequência das ações dos homens nos recursos naturais - foram explicitadas nesses equipamentos. Este ano foi lançado às bancas e aos assinantes um quadrinho especial do caipira cujo título é "A maior Hora do Planeta". Este é um evento mundial em que colaboradores desligam, ao mesmo tempo, as luzes de seus imóveis durante 60 minutos - ele foi pensado como forma de protesto simbólico para o combate à injustiça ecossistêmica.

Na narrativa, Chico e Rosinha, sua namorada, pensam em como enfrentar a crise climática. O menino recebe a visita da mãe natureza e, de maneira didática, ela explica ao personagem o porquê destes episódios prejudiciais ao meio ambiente e efeitos nas pessoas. Mônica Sousa, diretora-executiva da Mauricio de Sousa Produções, em entrevista para a imprensa da WWF sobre a obra afirmou o seguinte: "Certamente, o acesso à informação de qualidade e de fácil entendimento, como no caso das histórias em quadrinhos, contribuem muito com esse propósito".

Além disso, sobre ideias e práticas sustentáveis, outra persona em destaque nos produtos da Turma é o Capitão Feio, um dos únicos vilões desenvolvidos pela agência artística. Seu nome verdadeiro é Feitoso Araújo - o polêmico personagem é, nas histórias, o tio do Cascão. Sua primeira aparição oficial nos gibis foi no dia 31 de novembro de 1972. Ele foi descrito de maneira diferente com o passar dos anos, mas sua finalidade central permaneceu a mesma: poluir o meio ambiente. Assim, Mônica e seus amigos, constantemente, o confrontam. Na Turma da Mônica Jovem, uma releitura dos elementos deste universo feito no estilo mangá, o Capitão foi redesenhado por Emerson Abreu; ele reestruturou a melancólica origem de Feitoso e explicou o motivo de sua obsessão pela sujeira - no final das contas, nesta versão, o parente do Cascão aceitou esta forma para salvar seu sobrinho.

No período de seu lançamento efetivo ao mercado, o Brasil estava inserido em seus famosos "anos de chumbo". Neste momento, durante a ditadura militar, campanhas de rádio e televisão propagavam a ideologia do controle autoritário - uma das mais famosas era o anúncio "Brasil: ame-o ou deixe-o", engendrado pelo Governo. Outra era a do Sujismundo, de Ruy Perotti, a estrela do programa: "povo desenvolvido é povo limpo", também promovida pelas autoridades. Coincidentemente - ou não - ambos os personagens possuem similaridades, pois, em suas apresentações, indicam o correto e o impróprio em relação aos atos ecológicos.

Todavia, as narrativas são voltadas para a responsabilidade do público que as consome; costumes como banhos rápidos, reutilização da água da máquina de lavar e a decantação de materiais de lixo mostram, indiretamente, que o prejuízo ambiental ao redor do espaço social se dá devido à falta ou má execução das atitudes da própria população. Os recortes não estão completos; de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, a agricultura de sequeiro no Brasil, gasta, em média, "8,1 mil metros cúbicos por segundo, ou 8,1 milhões de litros a cada segundo, na média dos anos analisados (2013 - 2017)". Apesar disto, fazer com que a população compreenda o seu impacto pessoal e observe-o de maneira crítica é, no mínimo, importante - dessa forma, os dois personagens fizeram e continuam a fazê-lo com êxito.

O Capitão ganhou uma outra versão, desta vez direcionada ao público adulto, pelos gêmeos Magno Costa, responsável pelos desenhos, e Marcelo Costa, roteirista. A obra se chama "Capitão Feio - Identidade", e faz parte do grupo de HQs da Graphic MSP. Descrito como solitário e poderoso, os idealizadores do trabalho atribuíram ao capitão uma imagem pessoal. O jornal "El País", em 2020, realizou uma matéria sobre o processo de criação e o resultado final do livro. Nela, há algumas aspas dos autores sobre a nova interpretação filosófica de Feitoso: "Foi um desafio trabalhar com um vilão. Por isso, preferimos construí-lo como um anti-herói que, aos poucos, se transforma no vilão que conhecemos dos gibis", disse Marcelo.

#### **4.1: A representação de grupos marginalizados na Turma da Mônica**

Mais uma elaboração que exige destaque do nicho da Graphic MSP é o projeto "Jeremias - Pele", criado por Rafael Calça e Jefferson Costa. O personagem secundário na turminha ganhou uma adaptação e, em seu livro, é o próprio protagonista. Jeremias pertence ao grupo dos indivíduos pretos. Seus criadores, também negros, tratam no livro, principalmente, do preconceito racial. A *graphic novel* discorre acerca do bullying, sofrido por Jeremias, justamente pela cor de sua pele. O feito foi tão marcante que venceu o prêmio Jabuti, no Eixo Literatura, em 2019, na categoria de Histórias em Quadrinhos.

Em um país como o Brasil, onde mais da metade da população se enxerga como preta ou parda - ou seja, 55,5% - de acordo com dados obtidos do censo demográfico de 2022, pelo IBGE, é esperado que exista visibilidade em obras artísticas, neste caso, nos gibis da Turma da Mônica, quanto a este grupo marginalizado. A origem da discriminação se dá pela herança escravocrata ainda presente nos dias atuais. Mas a resistência a ela também. Antes, mesmo que evidente, e já com consequências criminais (devido a implementação da Lei Nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, por José Sarney) este preconceito não era amplamente reconhecido - uma de suas primeiras vezes comentado publicamente foi durante o governo de Fernando Henrique Cardoso.

Ao longo deste mandato presidencial, de forma silenciosa - e lenta - cargos políticos importantes foram ocupados por figuras pretas, como Pelé, no Ministério de

Esportes, que exerceu a posição de ministro em janeiro de 1995. E, por falar no rei do futebol, sua identidade foi adaptada para as tramas de Mauricio. O Pelézinho foi desenvolvido, na década de setenta, como uma homenagem ao jogador. O artista e o atleta se encontravam, ocasionalmente, em voos de avião; em uma dessas viagens, sentados lado a lado, o autor introduziu a Pelé a ideia de transformá-lo em desenho. No começo, ficou em dúvida - assim, Mauricio pegou uma caneta e um papel e o fez em linhas. Pelé, enquanto se decidia, ficou com estes traços e logo após aceitou o convite. Conforme o desenhista, em entrevista para o SBT sobre sua relação com o esportista, a repercussão deste encontro foi um sucesso.

Você, receptor, enquanto lia este texto, percebeu que, às vezes, me dirigi a Mauricio de Sousa como artista e, em outras ocasiões, como empresário? Não o fiz apenas para fugir da repetitividade de expressões; mas sim porque o desenvolvedor da Turminha é uma personalidade multifacetada. Seu lado institucional é fortíssimo - não à toa foi capaz de construir um reino midiático. Um exemplo de como ele age é mesmo no caso de Pelé - quando Mauricio realizou a proposta ao atleta, ele, como dito anteriormente, não a aceitou de primeira.

O rei do futebol gostaria de ser apresentado como um super-herói e, também, que sua plateia não fosse estritamente composta por crianças. Mauricio refutou o seu pedido e o apresentou argumentos corporativos: "Vamos fazer um personagem para a criançada... é melhor! E daí seu público vai ficar mais extenso. Dura mais", disse, igualmente, para o SBT. Neste pequeno diálogo é possível concluir que a mente do ilustrador, além de trabalhar em desenhos, elabora planos estratégicos de crescimento comercial.

#### **4.2: O paradoxo das manifestações artísticas de Mauricio inserido na questão da cultura popular e da indústria cultural**

A representatividade afrodescendente, como a de Pelé e Jeremias, nas produções de Mauricio, inspirou vários questionamentos para este trabalho e muitos outros projetos; um deles, especificamente, é a relação dual entre a arte e o produto na sociedade capitalista, em especial sobre a expressão de abordagens tão delicadas como a discriminação racial ou, mesmo, o colapso ambiental e a

idealização do indígena na história do Papa-Capim. Este é mais um exemplo que se anexa ao complexo entre a cultura popular e a cultura de massa.

As formas de expressões gerais citadas no parágrafo anterior são distintas entre si: a cultura popular é caracterizada pela reprodução da identidade de um grupo, como um povo, que, muitas vezes, reflete tradição e identidade. A princípio, a cultura de massa se resume na prática da fabricação excessiva que visa, principalmente, os interesses monetários de quem a detém. Porém, Theodor Adorno, filósofo da Escola de Frankfurt, em parceria com Max Horkheimer, foram os criadores do conceito de “Indústria Cultural”. De acordo com o pensador frankfurtiano, o termo: indústria cultural não pode ser identificado de forma imediata como cultura de massa, pois, se isso fosse feito, poderia ser engendrado o equívoco de que seus produtos derivariam exclusivamente de ações populares, na medida em que a palavra: massa poderia ser, nesse caso, erroneamente associada a grupos produtores de cultura popular.

Adorno e Horkheimer abandonaram o conceito de *cultura de massa* e o substituíram por *indústria cultural* “a fim de excluir de antemão a interpretação que agrada aos advogados da coisa; estes pretendem, com efeito, que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas, em suma, da forma contemporânea de arte popular (Adorno, 1986, p.92). De fato, a indústria cultural, diferentemente da cultura popular, caracteriza-se pela padronização com o fim de atender principalmente demandas comerciais. Por outro lado, a popular expressa autenticidade de um povo, de uma cultura. O modo como são disseminadas também difere; a popular é transmitida de maneira informal e, a de massa, é desesperadamente difundida por meio das mídias hegemônicas.

A Turma da Mônica reúne costumes marcantes do folclore brasileiro; várias histórias, em especial as do Chico Bento, contam com a presença de lendas marcantes como o Boto Cor de Rosa, a Mula Sem Cabeça e a Iara, a sereia. Estes itens são características da cultura nacional, assim como outras identidades frequentemente expostas nestes gibis. Se eles se resumissem em expor apenas elementos de costumes brasileiros, poderiam ser caracterizados como produtos da cultura popular. Entretanto, estes materiais fazem parte de um mercado

consolidado; sendo assim, não se restringem apenas à arte - se configuram como produtos mercadológicos.

O artista em questão foi responsável pelo desenvolvimento e criação de todos os seus personagens, que foram idealizados a partir de sua própria realidade. Por outro lado, o empresário executou a dispersão destas identidades e seus enredos e, como consequência, emplacou-os no mercado. Octávio Aragão, designer gráfico e professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, ao ser questionado sobre a trajetória e repercussão dos feitos Mauricio, disse que o seu produto, para se sustentar, possui a necessidade de ser incluído na indústria e não somente, mas fazer parte dela.

"Sem distribuição e divulgação, não passaremos nunca de meros artesãos vendendo "da mão para a boca". Por exemplo: chegamos a uma fase de nossa produção quadrinística em que a principal bancada da prestigiosa Livraria da Travessa conta com mais autores brasileiros que estrangeiros. Isso é digno de nota e aplausos, mas precisamos compreender que ainda necessitamos de estrutura de produção industrial, com boas tiragens e distribuição para todo o território nacional", explicou o docente. Nesta perspectiva, a arte, necessariamente, precisa estar alinhada com o comércio; mesmo que às vezes vá contra sua individualidade e, outras, desenvolva paradoxos.

Margaret Thatcher, conhecida como a "Dama de Ferro", foi a mulher que inaugurou o posto, para todas as outras, de primeira-ministra britânica - seu governo conservador foi de 1979 até 1990. Regida pela política neoliberalista, Margaret popularizou o termo "There is No Alternative", comumente conhecido como "TINA" - em síntese, a análise foi dedicada em especial para a economia do Reino Unido; Thatcher utilizou-se da frase para justificar suas abordagens, as quais envolviam a privatização de empresas estatais, austeridade fiscal e o livre-mercado. Coincidentemente, o nome desta afirmação é o mesmo que Maurício escolheu para registrar sua personagem *hippie*, um indivíduo que faz parte de um movimento coletivo que critica fortemente a indústria consumista.

Tina surgiu nas revistas de jornal no ano de 1964; ocupou seu espaço nas histórias em quadrinhos na década de setenta. Ela teve várias fases e múltiplas mudanças no visual - mas sempre foi marcada pelo aspecto "bicho-grilo". Trouxe este exemplo, por mais aleatório que pareça, para ilustrar a eventualidade neste tópico; a figura, por sua essência, representa a contracultura - mas ela não faz parte da contra-hegemônica porque é uma engrenagem do sistema. E, por falar em contras, gostaria de falar outra: perceba toda a contradição na relação do recurso artístico com o mercado.

Justamente pelo contraste exposto, é possível compreender que determinados produtos da indústria cultural, como estes, podem vir a desafiar sua lógica de padronização e massificação que lhe é própria. Os elementos da cultura popular, presentes nas relações dos personagens da Turma da Mônica, ao serem incorporados pela indústria cultural da MSP, ao mesmo tempo, são importantes para a produção de consciências críticas sobre as temáticas do racismo, da destruição do meio ambiente, a questão dos povos indígenas, entre outros.

#### **4.3: Sobre a inserção de outras minorias e suas limitações nos produtos da Turma da Mônica**

Como empresário, para sempre estar em movimento no ciclo econômico, Mauricio precisa se renovar. Entre essas mudanças há a inserção de minorias, como o Jeremias e Papa-Capim e, com elas, idealizações. Mas, inevitavelmente, estão presentes - o que é transformador em relação à visibilidade para as suas respectivas causas. A MSP, mesmo com valores e aspectos protuberantes da comunidade brasileira, ainda assim é uma empresa ligada às mudanças e a visão predominante na sociedade, o que consequentemente repercute nos seus feitos - e reformas.

"O que provoca mudanças nos personagens? Basicamente, alteração de costumes, sensibilidade e intuição. E, às vezes, nada disso. Basta dar um estalo para que eu resolva criar, atualizar ou mesmo batizar um personagem antigo", disse o quadrinista em sua autobiografia. Ele continua o pensamento, na mesma referência, ao dizer que os seus desenhos precisam acompanhar as mudanças. Um

exemplo desta prática foi a introdução de elementos com necessidades especiais nas histórias de Maurício: "Nos anos 2000 houve um momento em que surgiu um movimento de conscientização popular para as necessidades de pessoas que, por exemplo, não enxergavam ou não conseguiam se movimentar sozinhas", observou.

Entre estas figuras, por exemplo, estão Dorinha e Lucca. A menina foi criada em homenagem à brasileira e ativista cega Dorina Nowill, que lutou bravamente pelo direito dos indivíduos com deficiência audiovisual. Dorina foi presidente do Conselho Mundial para o Bem-Estar dos Cegos e, ainda nos dias atuais, mesmo falecida é uma entidade marcante para a causa. Há, na cidade de São Paulo, a Fundação Dorina Nowill para Cegos, uma instituição que atua no cuidado e na inclusão social de pessoas cegas e com baixa visão.

Já Lucca, inspirado nos atletas paraolímpicos e, também, no cantor Herbert Vianna, dos Paralamas do Sucesso, que passou a ser paraplégico após um acidente aéreo, é o galã da turminha. Ele é uma criança cadeirante que gosta de jogar basquete - neste contexto sua deficiência não o impede de praticar esportes. A presença destes expoentes é importante para a politização do público que consome os produtos da MSP, além de fazer com que este se identifique com a personalidade, o que resulta no sentimento de pertencimento; "Nosso lema, diz que a gente não pode deixar nenhuma criança para trás", disse Camilo Leon, do Unicef.

De tempos em tempos, Maurício é questionado sobre a ausência de personagens LGBTQIAP+ em seus enredos. O autor é declaradamente aliado à causa e é familiarizado a ela; isso porque um de seus filhos, Mauro Sousa, diretor-executivo da Mauricio de Sousa Produções, é assumidamente gay. Em entrevista para a British Broadcasting Corporation, BBC, sobre o tema, em outubro de 2021, ele comentou que, quando soube da notícia da homossexualidade de seu descendente, recebeu-a de forma natural: "acho que todos nós temos o direito de viver o que nos é agradável, necessário e nos faz bem. Mas, principalmente, se faz bem para mais de um, é melhor ainda. Acho que foi uma experiência muito boa para mim também", relatou ao repórter.

Na mesma matéria, o desenhista diz que sua equipe de produção está estudando para que possam, futuramente, acrescentar um personagem da comunidade; em suas palavras: "Vem vindo aí... Estou esperando um pouquinho que esteja cada vez mais aceita a posição do gay, principalmente ". No seu livro, Mauricio também fala sobre a questão e diz que "enquanto chocar uma parte do público, é preferível não cutucar o vespeiro, embora às vezes a gente flerte com o perigo". Já o seu herdeiro, em uma conversa com a revista Veja, em junho deste ano, disse que sente falta de uma figura com orientações sexuais que não sejam exclusivamente heterossexuais.

Eu e Waldomiro Vergueiro também conversamos sobre este caso; de acordo com o pesquisador: "Você tem que ver o Mauricio como um produtor na Indústria Cultural de quadrinhos; não no mesmo nível da Marvel, ou da DC - mas ainda assim. E a indústria cultural não dá tiro no pé. Ela não vai mexer naquilo que tá dando certo; então não vai discutir temas que ainda não estão bem firmados na sociedade, como no caso dos LGBTQIAP+". Essa escolha não é somente da MSP, pois o docente comenta que até as poderosas iniciativas estadunidenses são afetadas diante do preconceito, de modo que a maioria dos seus protagonistas segue o modelo heteronormativo imposto.

"A grande indústria vai se modificando pelas beiradas. Ela vai se mexendo em aspectos que não são essenciais; transformar um grande protagonista, que faz sucesso durante 60 anos, radicalmente, vai afastar os leitores e vai colocar em xeque a existência desse protagonista, ou seja, dos lucros", clarificou Vergueiro. Outra persona que veio a falar sobre a escassez deste coletivo nos quadrinhos da Turma da Mônica para este projeto foi ninguém mais ninguém menos que Laerte Coutinho, autora de quadrinhos brasileira.

Laerte é considerada uma das mais importantes cartunistas do país; sua trajetória profissional é marcada pelo seu pensamento crítico e político. Em 2009 se assumiu como uma mulher transgênero e, em suas obras, aborda questões emblemáticas da existência humana. Seus feitos são múltiplos, carregados de humor, informação e personalidade. Questionei-a sobre sua opinião, como uma mulher ativista e pertencente a comunidade LGBTQIAP+, em relação à análise

discutida anteriormente, e a sua resposta fez com que reflexões fossem inevitáveis. Laerte disse que a arte não serve para ser pressionada - portanto, exigir de Mauricio adição de um personagem trans, por exemplo, não seria o correto, em sua opinião.

Em depoimento para este projeto de conclusão de curso, Mauricio de Sousa disse que não desenvolveu suas narrativas com o objetivo de ensinar. "Como convivi com uma turma muito diversa, isso naturalmente foi incorporado às minhas histórias. Do mesmo modo, a amizade e o respeito às diferenças fizeram parte da minha vida e, conseqüentemente, estão nas aventuras de meus personagens. Fico feliz de a sociedade reconhecer que as histórias ensinam esses valores", relatou.

Ele me contou, também, um pouco sobre suas ideias de inclusão, principalmente de outros PCDS, em seus gibis. Disse que, em algum momento, percebeu que havia lacunas na turminha, e sentiu a ausência de mais personagens com alguma deficiência, tal como foi dito anteriormente. Mauricio lançou em seus projetos o André, um garoto com o Transtorno do Espectro Autista, TEA, que vem ganhando bastante visibilidade nos últimos tempos, principalmente devido à atenção voltada a este distúrbio de desenvolvimento que está conquistando atenção do meio social a cada vez mais.

"Mais recentemente, criei a Sueli, uma personagem surda, que se comunica em Libras, a Língua Brasileira de Sinais. A ideia surgiu porque fomos procurados pela organização das Surdolimpíadas, que iria acontecer pela primeira vez no Brasil. Fazia tempo que eu queria criar uma personagem surda, e foi uma boa oportunidade para que ela ganhasse vida. Muita gente confunde, pensando que o Humberto foi o primeiro personagem surdo, mas ele escuta bem", exemplifica.

# LAERTE COUTINHO



## 5. Conclusão

O criador da Turma entende como a inclusão de temas voltados para grupos sub-representados pode auxiliá-los a conquistar espaços em ambientes antes impossíveis; tê-los em histórias em quadrinhos - ainda mais diante de toda a magnitude que é a MSP - significa que estes são vistos, midiaticamente visibilizados, isto posto, que existem - e, assim, resistem. Mauricio compreende, também, a repercussão de suas atividades quanto à alfabetização dos brasileiros. "Acredito que contribuo para mostrar que leitura é algo prazeroso, divertido e (Por que não?) mágico. Quando juntamos as letras e descobrimos que elas formam palavras, um novo mundo se abre diante de nós. Nos quadrinhos, desenhos e textos se complementam, o que facilita o processo", detalha o artista.

Visto sua trajetória e seu *modus operandi*, o artista/empresário, portanto, trabalha dentro das linhas sistemáticas e, diante do exposto, cresce monetariamente dentro delas. Ainda assim, desde o início de sua carreira até os dias de hoje, propaga, devido à sua arte, várias das identidades presentes no Brasil; muitas vezes, estas são consequências de idealizações destas personalidades, como a de Papa-Capim, o indígena fictício que adota, esteticamente, elementos de outras culturas que ocasionalmente estão fora de contexto histórico e pessoal. Em outros momentos desenha e promove hábitos intrinsecamente brasileiros como eles são. Em ambas as ocasiões este material é vendido, o que move, junto a muitos outros, a indústria cultural. Contudo, são esses elementos que tencionam sua própria lógica de padronização do pensamento e das ações decorrentes.

Portanto, mesmo dual e emblemática diante destas questões, a atividade de Mauricio impactou gerações e classes sociais. Seu negócio é revolucionário; não à toa é um dos maiores impérios globais de histórias em quadrinhos - este, que enfrenta estigmas e perseguições sobre os gibis. O instrumento pode vir a ser um grande aliado da educação, tanto para a prática da leitura, quanto ao pensamento crítico de quem as consome; isso porque aborda, como dito anteriormente, questões importantes como problemas que grupos marginalizados enfrentam.

Ainda, em suas palavras: "Hoje, as tirinhas são requisitadas pelas editoras de livros didáticos e os testes de leitura governamentais reconhecem como plenamente alfabetizado o leitor capaz de ler e compreender uma história em quadrinhos". Mesmo diante de preconceitos quanto ao seu material, este segue firme e forte. Regido por um pensamento empresarial inevitável e necessário para que suas realizações prossigam, Mauricio continua conquistando os brasileiros. Os canais da Turma da Mônica na internet, atualmente, reúnem milhões de seguidores - apenas no Youtube são vinte milhões.

No final de nossa conversa, fiz questão de contar a Mauricio o quanto ele teve influência em minha vida; mas eu tenho certeza que ele já sabia antes mesmo que pudesse comunicá-lo. Isso porque sou mais uma entre os milhares e milhares de fãs do seu trabalho que foram instigados, assim como eu, à prática da leitura, da comunicação e tantas outras consequências marcantes em minha trajetória. Os gibizinhos me viram crescer - e os vi também, porque quanto mais deles, maior era a pilha que guardava no escritório dos meus pais. Fiquei aterrorizada com a lenda da Jumenta Voadora e a história da Boneca Tenebrosa. Ri, durante minutos, das aventuras da Magali com seu primo Dudu e, claro, chorei, de soluçar, no casamento da Mônica e do Cebolinha.

# MAURÍCIO DE SOUSA

SEMPRE QUE PARTICIPO DE EVENTOS COMO AS BIENAS INTERNACIONAIS DO LIVRO DO RIO E DE SÃO PAULO, FAÇO A MESMA PERGUNTA:



"QUEM APRENDEU A LER COM A TURMA DA MÔNICA?"

EM GERAL, A PLATEIA TODA LEVANTA A MÃO!



NÃO SOU ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO, VEJO MEU PAPEL COMO O DE UM CRIADOR DE HISTÓRIAS COM UMA LINGUAGEM LÚDICA E ACESSÍVEL A TODOS OS PÚBLICOS



NÃO CRIEI AS HISTÓRIAS COM O OBJETIVO DE ENSINAR. COMO CONVIVI COM UMA TURMA MUITO DIVERSA, ISSO NATURALMENTE FOI INCORPORADO NELAS



RECEBI MUITOS PRÊMIOS E RECONHECIMENTOS, MAS O MAIOR RECONHECIMENTO QUE RECEBO É O DE OUVIR QUE FAÇO PARTE DA INFÂNCIA DA MAIORIA DOS BRASILEIROS



## 6. Referências

ADORNO, Theodor. W. A indústria cultural. In: Cohn, Gabriel. (org.) *Theodor W. Adorno*: coleção grandes cientistas sociais. São Paulo: editora Ática, 1986. p.92-100. DE SOUSA, Mauricio. Mauricio: A história que não está no gibi: SEXTANTE/GMT, 2017. 336 p.

A construção do conceito de Popular em Theodor Adorno/ Luciane Candido Rodrigues. – Guarulhos: [s.n.], 2012.

Agência de Notícias IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27409-ibge-e-ana-lancam-estudo-sobre-uso-da-agua-na-agricultura-d-e-sequeiro-no-brasil#:~:text=De%20forma%20geral%2C%20o%20levantamento,na%20m%C3%A9dia%20dos%20anos%20analizados>. Acesso em: 20 out. 2024.

APAE CURITIBA. Turma da Mônica tem representatividade. Disponível em: <https://apaecuritiba.org.br/turma-da-monica-tem-representatividade/>. Acesso em: 20 out. 2024.

ATÉ ELE, Cascão, entra na campanha contra o coronavírus e lava as mãos. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/04/05/ate-ele-cascao-entra-na-campanha-contra-o-coronavirus-e-lava-as-maos-veja-animacao-exclusiva.ghtml> . Acesso em: 20 out. 2024.

BRAIN hemispheres and education: Left, right, and wrong. IBE, 2021. Disponível em: <https://solportal.ibe-unesco.org/articles/brain-hemispheres-and-education-left-right-and-wrong/>. Acesso em: 22 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.459, de 4 de julho de 1997. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9459.htm#art1](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9459.htm#art1). Acesso em: 20 out. 2024.

CASCÃO lava as mãos; mas não pela 1ª vez. UOL. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/27/contra-pandemia-ate-cascao-lava-as-maos-mas-nao-pela-1-vez-confira.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 20 out. 2024.

DANTAS, Audálio. A infância de Mauricio de Sousa. Callis Editora, 2009. 32 p.

DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação, p. 1-13.

EXAME. No ano da inflação a 415%, a população foi apresentada ao plano Bresser e à URP. Disponível em: <https://exame.com/brasil/no-ano-da-inflacao-a-415-a-populacao-foi-apresentada-ao-plano-bresser-e-a-urp/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FUNDAÇÃO DORINA. Disponível em: <https://fundacaodorina.org.br/>. Acesso em: 20 out. 2024.

“GIBI não é literatura”, diz James Akel, que disputa vaga na ABL. 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/gibi-nao-e-literatura-diz-james-akel-que-disputa-vaga-na-abl>. Acesso em: 22 out. 2024.

GOV.UK. Margaret Thatcher: past prime ministers. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/history/past-prime-ministers/margaret-thatche>. Acesso em: 20 out. 2024.

IBGE. Censo 2022: pela primeira vez desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-d>

o-brasil-se-declara-parda#:~:text=Em%202022%2C%20cerca%20de%2092,0%2C4%25. Acesso em: 20 out. 2024.

IBGE. Inflação. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/inflacao.php>. Acesso em: 10 nov. 2024.

IBGE e ANA lançam estudo sobre uso da água na agricultura de sequeiro no Brasil. IGBE. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27409-ibge-e-ana-lancam-estudo-sobre-uso-da-agua-na-agricultura-d-e-sequeiro-no-brasil>. Acesso em: 22 de out. 2024.

Indústria cultural e educação (ensaio, pesquisas, formação) / José Vaidergorn / Luci Mara Bertoni (Organizadores) - 1ª ed. Araraquara: JM Editora, 2003, 232 p.

LAERTE. Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24989/laerte>. Acesso em: 22 out. 2024.

MAURICIO DE SOUSA fala sobre amizade com Pelé e criação de personagem. SBT News. Disponível em: <https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/brasil/234838-mauricio-de-sousa-fala-sobre-amizade-com-pele-e-criacao-de-personagem>. Acesso em: 20 out. 2024.

MAURICIO DE SOUSA se emociona ao falar de filho e diz que discute personagem gay com roteiristas. BBC Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59037064>. Acesso em: 20 out. 2024.

MAURICIO de Sousa: conheça a trajetória do criador da Turma da Mônica: Separamos histórias da vida pessoal e profissional do mais famoso e premiado autor brasileiro de quadrinhos. Galileu. Vitória Batistoti, 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/05/mauricio-de-sousa-conheca-trajectoria-do-criador-da-turma-da-monica.html>. Acesso em: 22 out. 2024.

MAURO SOUSA: 'Sinto falta de um personagem gay na Turma da Mônica'. Veja.

Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/cultura/mauro-sousa-sinto-falta-de-um-personagem-gay-na-turma-da-monica#:~:text=Aos%2034%20anos%20e%20gay,em%20torno%20do%20Superman%20bissexual&text=Seu%20pai%20afirmou%20recentemente%20que,e%20carinho%20do%20meu%20pai>. Acesso em: 20 out. 2024.

MEIOS NO BRASIL. Informações sobre mídias. Disponível em:

[http://www.meiosnobrasil.com.br/?page\\_id=564](http://www.meiosnobrasil.com.br/?page_id=564). Acesso em: 22 out. 2024.

Na década de 70, Mauricio de Sousa criou o Pelezinho para contar histórias do Rei.

G1. Disponível em:

<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/12/29/na-decada-de-70-mauricio-d-e-sousa-criou-o-pelezinho-para-contar-historias-do-rei.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2024.

O Capitão Feio, vilão da Turma da Mônica, ganha interpretação filosófica em nova HQ. El País. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/cultura/2020-01-09/capitao-feio-vilao-da-turma-da-monica-ganha-interpretacao-filosofica-em-nova-hq.html#:~:text=O%20Capit%C3%A3o%20Feio%2C%20%C3%BAnico%20vil%C3%A3o,por%20M%C3%B4nica%20e%20seus%20amigos>. Acesso em: 20 out. 2024.

Pinho, Maria Luiza & Pinho, Celso. (2015). Mauricio de Sousa Produções: O desafio de levar a Turma para o Mundo. Disponível em:

<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/001502706.pdf>.

PINHO, Maria Luiza; PINHO, Celso. Mauricio de Sousa Produções: o desafio de levar a Turma para o Mundo. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/312295427\\_Mauricio\\_de\\_Sousa\\_Producoes\\_s\\_O\\_desafio\\_de\\_levar\\_a\\_Turma\\_para\\_o\\_Mundo](https://www.researchgate.net/publication/312295427_Mauricio_de_Sousa_Producoes_s_O_desafio_de_levar_a_Turma_para_o_Mundo). Acesso em: 20 out. 2024.

SILVA, Jean Silva. EXTRAPRENSA. “Sujismundo”: ditadura militar, propaganda e o ideal de “povo limpo”, p. 1-19, 1 jun. 2021.

SOUSA, Mônica. [Do Zero ao Topo: a história da Mauricio de Sousa Produções]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Uy4ctf\\_7yjY](https://www.youtube.com/watch?v=Uy4ctf_7yjY). Acesso em: 20 out. 2024.

USP. Núcleo de pesquisa sobre HQs. Disponível em: <https://www.usp.br/aunantigo/exibir?id=682&ed=62&f=1>. Acesso em: 20 out. 2024.

VEJA SÃO PAULO. Tina, Mauricio de Sousa. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/memoria/tina-mauricio-de-souza>. Acesso em: 20 out. 2024.

VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição, 5 abr. 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro. Panorama das histórias em quadrinho no Brasil. Editora Peirópolis, 2017. 208 p.

WWF BRASIL anuncia renovação de parceria com Mauricio de Sousa Produções. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?86740/WWF-Brasil-anuncia-renovacao-de-parceria-com-Mauricio-de-Sousa-Producoes#:~:text=Em%202014%2C%20foi%20nomeado%20em%20baixador,e%20apoio%20%C3%A0s%20causas%20ambientais>. Acesso em: 20 out. 2024.

WWF-BRASIL e Mauricio de Sousa Produções lançam história em quadrinhos em prol da Hora do Planeta. [S. l.]: WWF-Brasil e Mauricio de Sousa Produções, 2024. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?87920/WWF-Brasil-e-Mauricio-de-Sousa-Producoes-lancam-historia-em-quadrinhos-em-prol-da-Hora-do-Planeta>. Acesso em: 22 out. 2024.

